



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15028 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 20 - Psicologia da Educação

APROXIMAÇÕES ENTRE A PSICOLOGIA HISTÓRICO CULTURAL E A GEOGRAFIA DA INFÂNCIA: UM DEBATE TEÓRICO

Diego Andres Barrios Diaz - UnB - Universidade de Brasília

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

APROXIMAÇÕES ENTRE A PSICOLOGIA HISTÓRICO CULTURAL E A GEOGRAFIA DA INFÂNCIA: UM DEBATE TEÓRICO

Introdução

Este trabalho apresenta reflexões teóricas desenvolvidas no âmbito de uma tese de Doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Essa pesquisa é intitulada **Infância, pandemia e educação: vivências espacialidades de crianças em meio à crise** e tem como objetivo central analisar experiências de crianças do Distrito Federal durante o contexto de pandêmico. O referencial teórico da tese consiste na articulação entre a psicologia histórico cultural e aportes da Geografia da Infância, um campo em desenvolvimento no país e no mundo.

Nesta oportunidade, apresentamos um recorte dessa interlocução, debatendo algumas bases do pensamento do autor russo e sua relevância para a Geografia da Infância. Vigostki fez uma contribuição central com seu enfoque qualitativo do desenvolvimento e da constituição social do ser humano. Seu pensamento deu origem a uma psicologia de base dialética constituída pela definição de unidades teóricas cujas partes não estão dissociadas entre si e não podem ser compreendidas de forma isolada. O autor teoriza sobre a possibilidade de relação, de invenção de processos singulares, de eminente transformação dos processos históricos. Uma formação fundada no social como dimensão relacional da vida, não determinante, nunca inerente e nem absoluta.

Ao pensar a criança e seu desenvolvimento, elabora uma teoria da constituição da vida

como relação, na medida em que propõe alternativas importantes para o debate clássico sobre a influência do meio para a criança. É importante, portanto, dedicarmos atenção a alguns princípios e categorias que organizam a sua abordagem.

Desenvolvimento como um processo relacional: as bases dialéticas da perspectiva histórico cultural

O desenvolvimento é um conjunto de processos dinâmicos e históricos que constituem a nossa experiência no mundo e são transformados por ela, e não uma sucessão de etapas de maturação do corpo e do intelecto. Esta ideia vai além da compreensão de um corpo orgânico ou biológico que se projeta em um sentido linear do desenvolvimento (VIGOSTKI, 2018; 2021). Os processos de desenvolvimento e de instrução do ser humano estão marcados por uma relação dialética, em que um processo mobiliza o outro e ambos só podem ser entendidos como um todo complexo.

O desenvolvimento não é entendido por ele como um processo de maturação orgânica e biológica do corpo isolado de uma história, e sim como uma trajetória de elaboração e ação sobre o mundo, um caminho que se constitui na cultura e que se dá ao longo da vida da criança. Esta perspectiva é coerente com a base do pensamento do autor, que considera a natureza e cultura como uma unidade dialética e afirma o meio como uma categoria relacional, entendida não como dimensão em si mesma, externa e determinante, mas como aspecto fundamental da dialética do desenvolvimento.

Vigotski (2018) elabora a sua concepção de que o meio é determinante para o desenvolvimento da criança em termos não absolutos, mas relativos. Ou seja, o meio não atua invariavelmente sobre a criança. Os diferentes aspectos e características do meio não definem objetivamente o seu desenvolvimento. Apenas podem ser considerados relevantes quando se concebe uma relação dialética da criança com o meio. Isto permite dizer que: **1.** O meio é dinâmico e assume significados particulares para cada criança, e **2.** Ao longo do processo de desenvolvimento histórico de cada criança, sua relação com o meio também se transforma, e ela passa a elaborar novos aspectos e características dessa relação.

A experiência humana não é determinada em termos absolutos por uma instância externa e imperativa. Não somos um produto do meio, embora o meio certamente seja uma condição do nosso desenvolvimento. Se, na relação com a criança o meio não é determinante em termos absolutos, mas relativos, então se pode entender que essa relação é marcada por aberturas e pelo encontro com o novo. A relação existente entre a criança e o meio é um dos objetos de estudo fundamentais. No entanto, seu enfoque é definitivamente a relação.

Segundo Vigotski (2021), a imaginação e a elaboração de sentido são recursos que emergem na brincadeira e que permitem à criança se emancipar e criar novas relações entre um mundo pronto e um mundo pensado por ela. Portanto, a gênese do desenvolvimento tem a ver com o processo ontológico de produção de sentido e de elaboração própria do mundo vivido. É essa dimensão de elaboração que caracteriza a relação da criança com o meio e que pode ser compreendida a partir do conceito de vivência como “uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia –a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa –, e, por outro lado, como eu vivencio isso (Vigotski, 2018, p. 78).

O conceito de vivência (*perezhivanie*, em russo) articula os aspectos e características do meio com os aspectos e características da personalidade, quer dizer, a vivência é uma unidade

que representa o caráter inseparável e indivisível da relação criança e meio. A vivência permite deslocar a noção de impacto do meio sobre a criança: de um aspecto determinante de seu processo de desenvolvimento, para a concepção de um processo histórico e situado de elaboração da criança diante daquilo que vive.

Dessa forma, o meio não assume um estatuto determinante, mas integra uma dinâmica que é constituída pelos movimentos da criança. O meio passa, assim, a ser compreendido como parte de um processo aberto e relacional. A vivência articula os aspectos e as características do meio com os aspectos e as características da criança, quer dizer, a vivência é unidade que representa o caráter inseparável e indivisível da relação criança e meio.

Interloquções teóricas: a psicologia histórico cultural e a Geografia das Infâncias

As bases do pensamento vigotskiano e o conceito de vivência têm sido o foco de uma abordagem particular da Geografia que integra a perspectiva histórico cultural a uma formulação teórica sobre espacialidades de crianças ao definir a noção de **vivência espacial**. Lopes (2013) formula uma questão: como integrar a espacialidade de crianças, de suas vivências no espaço como formas de habitar, de se movimentar, de se relacionar com a vida? Como ver as crianças a partir de suas marcas culturais, históricas e espaciais?

As espacialidades das crianças devem ser analisadas partir da perspectiva de um todo complexo (LOPES; MELLO, 2015), de uma unidade constituída pelas condições históricas, sociais, políticas em que se desenvolvem as vidas das crianças. A noção teórica de espacialidades infantis reconhece os lugares de onde as crianças falam e como elas constroem e elaboram suas relações com o mundo.

Trata-se portanto, de uma evidenciar a emergência do espaço no ser humano, são as formas de se habitar, se locomover, se relacionar, parte integrante e fundante dos processos de transformação e desenvolvimento. Vigotski define o meio como fonte de processos relacionais que inauguram formas singulares de se articular qualidades particulares que não se situam em estruturas apartadas, ora no indivíduo e ora no social, mas em sua unidade. É no plano da coexistência que emergem as marcas singulares humana. Nesta perspectiva dialética, o indivíduo não se inventa sozinho, mas na colaboração, nos laços, na vida como relação.

Discutir a ideia de vivência espacial é evidenciar a espacialização da vida como parte integrante e fundante dos processos de transformação e desenvolvimento. Os processos de desenvolvimento humano emergem no social, mas também no espaço geográfico. Trata-se de um espaço que não pode estar pronto, tampouco é determinante/determinado, pois não é resultado ou forma acabada, mas parte inerente das transformações e processos históricos de vida que se tornam possíveis no encontro e no cruzamento com o novo e com o outro.

Entendemos, então, o valor da dimensão da espacialidade como marca da constituição humana. As vidas se desenvolvem em um recorte temporal, cultural e, também, espacial, portanto, geográfico. A obra de Vigotski nos faz pensar sobre os processos de variabilidade que ocorrem nas relações do ser humano com o meio. Crianças diferentes elaboram o meio de maneira distinta. Isso implica, imediatamente, em pensar como o meio não é o mesmo, não atua da mesma maneira na relação com diferentes crianças. Uma condição não é necessariamente permanente, nem absoluta. A estrutura do meio não é fixa.

É fundamental refletir sobre a potência deste pensamento. A teoria de este autor apresenta

um entendimento da diferença e da transformação como forças motrizes do desenvolvimento. Exatamente por se constituir de forma relacional, o meio não informa sobre os processos de desenvolvimento, se não observado dentro de um processo histórico que é constituído dialeticamente.

Comentários finais

Ao olhar de fora e, sobretudo, desde uma perspectiva adulta, experimentamos uma grande dificuldade de conceber a vida das crianças sem assumir um ponto de vista que as tornam objeto de um meio absoluto e determinante. Podemos, sim, estabelecer condutas que conduzam a uma compreensão mais próxima da perspectiva da criança, ou seja, na perspectiva relativa, baseada na relação dialética criança e meio.

É fundamental, portanto, indagar de que maneiras podemos ampliar as formas de escuta das crianças sobre suas relações com o mundo, como integrar diferentes possibilidades de expressão da vivência, de formas distintas de narrar e elaborar a vida. Para isso, é fundamental avançar teórica e metodologicamente no valor da imaginação para a produção dos saberes das crianças. A imaginação emerge não como resultado do vivido, mas como parte integrada ao processo vivência, que atua como recurso criativo e relacional da criança. Ou seja, a imaginação não é mera representação ou produto daquilo que já foi vivido na relação com o meio, mas uma qualidade fundante da continuidade dessa relação.

Nesta concepção, a condição histórica da imaginação é também sua condição dialética e recursiva, nunca um acúmulo estanque e determinado pela vivência, mas constituinte dela. A vivência é configurada pela imaginação e também a configura. A produção de si, do vivido, de como se encara o mundo, é integrada por um recurso potente, cujo alcance é muito além de uma função de internalização própria e fantástica do mundo, mas como forma de expressão e representação da própria história, dos próprios movimentos, da própria espacialidade.

Palavras-Chave: Psicologia histórico cultural. Geografia das infâncias. Vivência. Vigotski.

REFERÊNCIAS

- LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia das Crianças, Geografia das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**, v. 79, p. 65-82, 2008
- LOPES, J. J. M. A natureza geográfica do desenvolvimento Humano: diálogos com a Teoria Histórico-Cultural. In: Tunes, Elizabeth (Org.) **O fio tenso que une a psicologia à educação** Organização Elizabeth Tunes. – Brasília: UniCEUB, 2013.
- LOPES, Jader Janer Moreira, MELLO, Marisol Barenco de e Bezerra, Amélia Cristina Alves. Traçando mapas: a teoria histórico-cultural e as contribuições para a pesquisa com crianças e suas espacialidades *Fractal* : **Revista de Psicologia** [online]. 2015, v. 27, n. 1 [Acessado 8 agosto 2021] , pp. 28-32.
- VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- VIGOTSKI, L.S. Quarta aula. O problema do meio na pedologia. In: PRESTES, z.; TUNES, E. (org.) **7 Aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de

Janeiro: E-Papers, 1935/2018.

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia, Educação e Desenvolvimento**: Escritos de L. S. Vigostki.
PRESTES, Zóia.; TUNES, Elisabeth. (org.). 1ª edição Expressão Popular, São Paulo. 2021